

## O MERCADO DA CARNE BOVINA NO BRASIL

ALVIM, Nivaldo César  
nivaldoalvim@uol.com.br

LEITE, Bruno de Almeida  
Graduandos da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da FAMED/UNITERRA, Garça-SP

FILADELPHO, André Luís

PENA, Silvio Barbosa  
Docentes da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da FAMED/UNITERRA, Garça-SP

### RESUMO

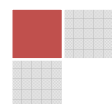
A carne é considerada um alimento nobre para o homem pela qualidade das proteínas, e principalmente pela presença de ácidos graxos essenciais. O Brasil historicamente tem sido um dos grandes produtores de carne bovina sendo que nos últimos cinco anos, se tomou o maior exportador mundial dessa carne; o rebanho brasileiro bateu o recorde da população humana. Hoje, existe no Brasil mais gado que gente, no entanto, a redução da oferta de animais para abate no mercado interno, em decorrência do foco de Febre Aftosa vai refletir no preço da carne a um prazo de pelo menos dois anos, afetando diretamente a economia do país e dificultando o trabalho dos pecuaristas. É necessária a promoção da carne bovina no Brasil através do marketing, do esclarecimento sobre a importância do setor, do potencial do país e da intensificação e seriedade das medidas sanitárias que vem sendo adotadas, bem como a interação produtor/frigorífico.

**Palavras Chave:** mercado, produção, carne, bovina.

**Tema Central:** Medicina Veterinária

### ABSTRACT

The meat is considered a noble food for the man for the quality of the proteins, and mainly for the presence of fatty acids essences. Brazil historically has been one of the big producing of bovine meat and in the last five years, the largest world exporter of that meat was taken; the Brazilian flock broke the record of the human population. Today, it exists in Brazil more cattle than people, however, the reduction of the offer of animals for discount in the internal market,



due to foot-and-mouth aphtous focus will contemplate in the price of the meat to one period of at least two years, affecting the economy of the country directly and hindering the work of the cattle creators. It is necessary the promotion of the bovine meat in Brazil through the marketing, of the explanation on the importance of the section, of the potential of the country and of the enhancement and seriousness of the sanitary measures that comes being adopted, as well as the interaction producer/frigorific.

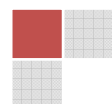
**Keywords:** market, production, meat, bovine.

## 1-INTRODUÇÃO

A carne é considerada um alimento nobre para o homem pela qualidade das proteínas, e principalmente pela presença de ácidos graxos essenciais. Os riscos de deficiência de vitamina B12, ferro e zinco estão relacionados a privação e/ou remoção da carne bovina da dieta; crianças oriundas de lares vegetarianos apresentam menor QI do que crianças oriundas de lares onde a carne bovina era consumida (RUIZ *et al*, 2005).

Segundo o Anuário do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Frescas (SCVCF) do Estado de São Paulo (2005) a agricultura é uma atividade mais rentável que a pecuária extensiva. Esta realidade tem feito com que exista uma transformação na geografia do boi no Brasil. Entre 2001 e 2004, a agricultura da soja, algodão, trigo, arroz e cana de açúcar, concomitantemente com o avanço na qualidade da produção de gado, fizeram encolher as áreas de pastagens em 7.5 milhões de hectares, ainda assim o Brasil incorporou mais 14,81 milhões de cabeças, o que corresponde a todo rebanho do Uruguai. As previsões apontam para que nos próximos anos mais de 10 milhões de hectares cedam espaço para a agricultura, essa transformação vem sendo estudada pela Embrapa; no entanto, A revista bilíngüe Agrolatina Negócios & Cultura relata que a rentabilidade proporcionada pela pecuária é até melhor que a obtida com a agricultura, especialmente a soja, desde que conduzida com manejo, nutrição e genética adequada ao mercado atual (ORICOLLI, 2006)

Na pecuária Norte-Americana o confinamento é a base do sistema de produção, enquanto que, no Brasil, o boi é criado basicamente a pasto (ANUÁRIO SCVCF,2005).



## 2-CONTEÚDO

O rebanho brasileiro bateu o recorde da população humana. Hoje, existe no Brasil mais gado do que gente. Em final de 2003, dados do IBGE apontavam para a existência de 195 milhões de cabeças, enquanto a população humana batia nos 179 milhões (ANUÁRIO SCVCF,2005).

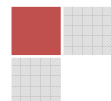
Em 2005 o Anuário do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Frescas (SCVCF) do Estado de São Paulo, pondera que, segundo a Revista da Fundação Getulio Vargas, muitas cabeças de gado tenham aparecido através do avanço da vacinação contra a Febre Aftosa. Já estavam lá sem serem contabilizadas. No entanto os movimentos mais significativos do rebanho nacional, contábeis ou não se deram entre 1996 e 2002 com 113% no Acre, 104,2% em Rondônia, 80,6 % no Pará, 42,4% em Mato Grosso e 33,1 % no Tocantins.

Um sistema de rastreabilidade não garante a qualidade e nem evita ou resolve problemas ocorridos com o produto, ele apenas recupera de forma precisa, eficiente e rápida, seu histórico de localização, e utilização, facilitando a tarefa dos investidores (PUTRUELE, 2004).

Pela revista bilíngüe Agrolatina Negócios & Cultura a qualidade da carne esta diretamente ligada ao tempo de terminação do animal, que ira garantir a maciez e o marmoreio “exigido pelo mercado” (ORICOLLI, 2006).

Em reunião do Fórum Nacional Permanente de pecuária de corte da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (ENA) realizada entre os dias 19 e 20 de outubro, em Brasília, portanto, em mios aos estragos produzidos pela Febre Aftosa, consiste que a tendência de queda da renda do pecuarista não é um fato novo, pois se mantém desde 2003, e com isso o processo de desestímulo à criação de gado de corte em médio prazo esta em andamento.

A pesquisa “Indicadores Pecuários”, da ENA e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/ USP), constatou que entre janeiro e agosto deste ano o preço do boi gordo caiu 14,94% (ORICOLLI, 2005).



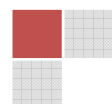
A redução da oferta de animais para abate no mercado interno, em decorrência do foco de Febre Aftosa vai refletir no preço da carne a um prazo de pelo menos dois anos. A previsão foi feita em 05/11/2005 pelo consultor da FNP Consultoria Victor Nehmi durante o 6º congresso Brasileiro de raça zebuína, que aconteceu em Uberaba (MG). De acordo com o especialista, haverá ainda elevação dos custos de produção. Em 2004 e 2005 os gastos cresceram 25% enquanto o preço do boi caiu 20% (ANUARIO SCVCF, 2005).

Segundo Silva Jr (2005) além das noções de sanidade propriamente ditas, o produtor rural precisa saber mais para sua inserção no mercado comum mundial. O território Brasileiro sempre será vulnerável, enquanto não se eliminar a Febre Aftosa em todo o continente.

Em dezembro de 2003 os americanos tiveram uma notícia inesperada: a confirmação do primeiro caso de encefalopatia espongiforme bovina (Vaca Louca) nos EUA. Sem sombra de dúvidas, o dano potencial de um surto de Vaca Louca é muito maior pra a indústria da carne bovina de um país do que a febre aftosa, porém o produtor americano não sentiu muito os estragos causados pela doença. Isso se deu em grande parte pela atuação da entidade responsável pelo marketing da carne bovina americana, que realizou um trabalho extraordinário, conseguindo manter o consumo de carne bovina. A atuação dessa entidade pode servir de modelo para o Brasil principalmente agora, quando nossa carne esta sendo rejeitada (BOVO, 2005).

A promoção da carne bovina nos EUA fica a cargo do Cattlemees Beef Promotion and Research Boord, entidade criada em 1985. Ela é custeada pela cobrança do chamado “checkoff”, que consiste em uma taxa de US\$ 1 de cada animal comercializado. A Beef Borord, como é conhecida existiu em caracter experimental por um período de 22 meses, após o qual foi realizado um plebiscito com os produtores para decidir sobre a continuidade ou não da cobrança do checkoff. O resultado foi que 79,91% de 256,505 votos foram favoráveis a manutenção da cobrança (BOVO, 2005).

Segundo o consultor da FNP consultoria Vietor Nehmi durante o 6º congresso brasileiro da raça zebuína em Uberaba (MG) as tendências futuras de mercado pecuário são: a intensificação de pastagens adubadas e confinamento com 100% de concentrados; animais melhorados geneticamente; migração da pecuária para regiões do norte e nordeste (BOVO, 2005).

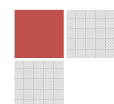


O saldo da balança comercial paulista do agronegócio atingiu US\$ 1,02 bilhão no primeiro bimestre de 2006, um aumento de 4,7% sobre o mesmo período do ano passado. O superávit foi resultado de exportações no valor de US\$ 1,61 bilhão (acréscimo de 3,2%) e de importações de US\$ 590 milhões (mais 1,7%) (MARTIN, 2006).

O Brasil historicamente tem sido um dos grandes produtores de carne bovina. Nos últimos cinco anos o Brasil, tornou-se o maior exportador mundial dessa carne. Segundo a FAO, um em cada cinco quilos de carne bovina comercializada no mundo é de origem brasileira. O volume exportado chega a 1,3 milhões de toneladas, gerando recursos em torno de US\$3 bilhões. Isso representa cerca de 15% da produção nacional. O restante da produção é direcionado ao mercado interno. O volume total de recursos movimentado pela venda de carne bovina no Brasil ultrapassa a casa de 10 bilhões de dólares por ano (ZEN, 2005).

No aspecto social, a pecuária de corte, dentro da porteira, gera cerca de 360 mil empregos diretos e também milhares de empregos entre os fornecedores de insumos, movimentando quase R\$2 bilhões em insumos nacionais, e gera mais de 1 milhão de empregos fora da porteira. Enfim, é uma atividade que afeta muita gente (TORRES JR *et al*, 2005).

A relação comercial entre frigorífico e produtor é extremamente dinâmica e complexa, pois ocorre dentro de um ambiente rico em concorrência. Esta relação vem passando por uma série de modificações nos últimos anos, em decorrência do aumento de exportações, que tem favorecido o desenvolvimento de grupos frigoríficos, com estruturas em diversas regiões e munidos de novas opções estratégicas. Aparentemente, o processo teria resultado num aumento do poder de mercado dos frigoríficos. O capital de giro, em boa parte obtida dos produtores. Tradicionalmente pelas operações entre os produtores e frigoríficos, envolve prazos em torno de 30 dias, um período de crédito fornecido pelos produtores para os frigoríficos. As dimensões financeiras dessa transação são elevadas. Tomando como exemplo uma empresa que abata mil animais por dia, em 30 dias, ela acumula um passivo de R\$ 1,054 milhões junto aos produtores. Os dez maiores grupos frigoríficos brasileiros têm condições de



ultrapassar esse limite. Por aí, podemos avaliar o quanto é fundamental o crédito do produtor para o capital de giro destas empresas. Os investimentos de terceiros para os frigoríficos aumentarem e atenderem à crescente demanda internacional, e, ao mesmo tempo, ao mercado nacional. Existem duas principais fontes desses recursos: o BNDES e os bancos de investimentos, que oferecem créditos com custos proporcionais ao risco. No caso específico dos frigoríficos, as taxas são elevadas e podem por em risco o seu futuro (ZEN, 2005).

### 3-CONCLUSÃO

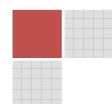
Tendo em vista a importância da carne bovina tanto para o consumo interno como para a economia do país devido às exportações e a geração de empregos, frente às dificuldades sanitárias e conseqüentemente econômicas enfrentadas pelo produtor atualmente, é necessária a promoção da carne bovina no Brasil através do marketing, do esclarecimento sobre a importância do setor, do potencial do país e da intensificação e seriedade das medidas sanitárias que vem sendo adotadas. Bem como é imprescindível um grande ajuste econômico entre os pecuaristas e os frigoríficos.

### 4-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUÁRIO. **Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Frescas do Estado de São Paulo**. São Caetano do Sul, RPM Editora. p.52-72. 2005.

BOVO, L. **Anuário, Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Frescas do Estado de São Paulo**. São Caetano do Sul, RPM Editora. p.133-135. 2005.

JARVIS, I. *in*: **Eurocarni., Mensile di economia, politica e tecnica delle carni di tutte le specie animali**. Fornitori, A.N.E.S. Ano xx. n.11. nov. p.138. 2005.



LIRANI, A. C. *in*: **Visão Agrícola, USP ESALQ., Rastreabilidade em Exigência Comercial**. Piracicaba: v.3. Jan/Jun, 2005. p. 97-98. 2005.

MARTIN, N. B., Gonçalves, J. S., Souza, S. A. M., Vicente, J. R. **Instituto de economia agrícola. Comercio Exterior**. Disponível em <http://www.iea.sp.gov.br/out/comex/bal-res0206.php>. Acesso em: 30 mar. 2006.

ORICOLLI, S. **Agrolatina, Negócios & Cultura**. Londrina, Rodhes, ano I. n.3. dez.2005/Jan. 2006.ed. bilíngüe. p32-40. 2005.

PUTRUELE, J. E. **EUREPGAP., Control Points and Compliance Criteria Integrated Farm Assurance**. v.11, Jan. 2004. p. 32.

RUIZ, M. R., MATSUSHITA, M., SOUSA, N. E., VISENTAINER, J. V. **Anuário, Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Frescas do Estado de São Paulo**. São Caetano do Sul, RPM Editora. p.149-151. 2005.

SILVA JR, J. H. *in*: **Agroanalysis., A Revista de Agronegócios da FGV**. São Paulo, v.25. n.11. P.21-22. nov. 2005.

TORRES JR, A. M., TITO ROSA, F. R., TONINI, M. G. O. *in*: **Agroanalysis. A Revista de Agronegócios da FGV**. São Paulo, v.25. n.6. p.40-42. jun. 2005b.

ZEN, S. *in*: **Agroanalysis., A Revista de Agronegócios da FGV**. São Paulo, v.25. n.6. p.35-37. jun. 2005.

